

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)
11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



Decolonialidade e Construção do Conhecimento Agroecológico: Caminhos para o Fortalecimento dos Saberes Tradicionais

Germano de Barros Ferreira; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail: germanobarrosferreira@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4602-0532>

Ana Maria Dubeux Gervais; Doutora em Sociologia; Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail: ana.gervais@ufrpe.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1393-529X>

Aline Torres Tertuliano de Oliveira; Economista Doméstica; Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail: alinettertuliano@gmail.com

Josino Barbosa da Silva Neto; Bacharelado em Agronomia; Universidade Cruzeiro Sul; E-mail: josinobsn@gmail.com

Gideão Patrício Silva Barros; Licenciando em Pedagogia; Instituto Federal de Barreiros; E-mail: gideaopatricio@hotmail.com

Linha de Pesquisa: Sociedade, Economia E Construção do conhecimento.

1 Introdução

O conhecimento tem sido discutido na sociedade contemporânea no quesito valorização dos saberes tradicionais dos/as camponeses/as. Enquanto a ciência, a tecnologia e a produção de conhecimentos ampliam-se na modernidade, o epistemicídio do modo de vida tradicional e ancestral acontece permanentemente. Isto gera silenciamento e exclusão da cosmovisão das populações camponesas, colocadas no plano secundário pelas instituições de ensino, o empresariado, as grandes corporações e a perspectiva colonial do Norte Global.

[...] a colonialidade é o “lado obscuro” da modernidade, como gostam de afirmar, que o conceito emancipador hegemonicamente contido na ideia de modernidade e um mito

porque não revela que ela só foi possível graças a opressão colonial que impôs aos povos conquistados da América Latina e de outros continentes. Daí que as instituições e os processos sociais atrelados ao fenômeno histórico da modernidade passam a ser questionados [...] na constituição da exclusão social, do racismo, da negação de direitos e de modos de ser. (NETO, 2018, p.04)

O conhecimento gerado pelas instituições dominantes na sociedade capitalista destrói as dinâmicas sociais, econômicas, organizativas, produtivas, ambientais, ancestrais e tradicionais, pois impõe um conhecimento descontextualizado às comunidades, desconsiderando os saberes já existentes no território. Esse processo tem gerado conflitos socioambientais, provocado a desterritorialização das famílias, contribuído com a crise climática, aumentando a produção de alimentos com agrotóxicos, gerando insegurança alimentar nas populações vulneráveis e agravado as desigualdades entre as pessoas no mundo.

Diante deste cenário, surge a necessidade de construir conhecimentos enraizados na valorização dos saberes tradicionais desenvolvidos ao longo da vida pelas populações camponesas e disseminados nos territórios para integração entre a sociedade e a natureza de forma holística e interdependentes. De tal modo que os conhecimentos resultantes desta relação promovam as diversas formas de vida e se volte apenas aos interesses iminentes do capital.

Visando fortalecer os saberes tradicionais, a Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2, em parceria com a Fundação Banco do Brasil, desenvolve o projeto Quintais Produtivos, no intuito de contribuir com a redução da vulnerabilidade socioeconômica e promoção da segurança alimentar e nutricional integrada à sustentabilidade ambiental, nos Engenhos Massangana, Serraria e Rosário no município do Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco.

Foram realizadas oficinas pedagógicas, denominadas de “Grupo de Interesse¹”, para potencializar os conhecimentos das famílias sobre beneficiamento de alimentos e as atividades produtivas, sendo estas fogão ecológico, criação de galinhas e hortas com cisterna e kit de irrigação. Deste modo, a pesquisa centrou-se em torno da seguinte questão: se as oficinas pedagógicas contribuíram para o fortalecimento dos quintais produtivos e para o reconhecimento dos saberes tradicionais das famílias camponesas?

O objetivo do trabalho é compreender a importância das oficinas pedagógicas realizadas junto aos grupos de interesse das famílias agricultoras dos Engenhos Massangana, Serraria e

¹ É um agrupamento de famílias com perfil adequado e que demonstraram interesse em desenvolver um tipo específico de atividade produtiva, identificado durante a aplicação do Diagnóstico Rural Participativo – DRP.

Rosário para a promoção dos saberes tradicionais das famílias camponesas e para a superação da perspectiva colonial do conhecimento.

2 Referencial teórico

As epistemologias do sul (Santos, 2009), trazem reflexões acerca das opressões provocadas pelo modelo eurocêntrico científico, o capitalismo, o colonialismo entre outras impostas pelos países do Norte Global, aos países latino-americanos, africanos e asiáticos etc. Esse processo ocasionou o epistemicídio dos saberes tradicionais das populações locais, que viviam nos territórios colonizados.

Santos (1995), pontua que o epistemicídio é um processo de destituição da civilização, racionalidade e cultura do outro, afirmando que o genocídio e o epistemicídio foram complementares às violências durante o período de colonização.

O epistemicídio se constituiu em uma das ferramentas mais duradouras e eficazes de dominação étnica-racial, de modo que pela negação do conhecimento do outro é que se efetiva a legitimidade das formas de conhecimentos, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento (MARTINS; MOITA, 2018, p.9).

A superação da colonização epistemológica ocorre através de pedagogias emancipatórias capazes de potencializar e visibilizar os saberes existentes nos territórios camponeses, rompendo com a perspectiva cartesiana na produção conhecimento. Com essa intencionalidade, emerge, especialmente na América Latina no século XX, a decolonialidade como um processo de construção do conhecimento enraizado na radicalidade epistêmica de valorização dos saberes tradicionais silenciados pelo eurocentrismo.

Promover processos educativos decoloniais permite a emergência de conhecimentos construídos pelos povos tradicionais através das memórias e das raízes culturais, promovendo as relações de cooperação e harmonização entre as pessoas e a natureza, integradas à ancestralidade e às diferentes cosmovisões presentes na realidade. Para Lustosa e Cavalcante (2024, [...]) a decolonialidade seria uma forma de movimento inovador, aliando teoria e prática, constituído de um emaranhado de olhares e vozes que se debruçaram insistentemente sobre a temática da interferência política, cultural e econômica resultante do neocolonialismo.

A decolonialidade é um campo de investigação e produção de saberes nascida nas últimas décadas do século XX, objetivando questionar a divisão entre Norte e Sul Global, nos modos de organização de vida e de leitura predominantes na sociedade

ocidental. Nesse sentido, o campo decolonial busca resgatar os saberes, práticas e conhecimentos daqueles povos do Sul historicamente apagados e silenciados pelos processos de colonização, ocorrido nos séculos passados, impondo um modo de vida predominantemente eurocêntrico, supostamente neutro e opressor (LUSTOSA; CAVALCANTE, 2024, p.1).

Importante compreender que a decolonialidade não é apenas uma construção epistemológica de construção do conhecimento, é, sobretudo, uma nova forma de conceber os processos de desenvolvimento regional e territorial, tendo como centralidade a valorização dos modos de vida tradicionais e sua relação com os saberes existentes, negados pelo pensamento hegemônico em vários espaços da vida social. Segundo Rocha e Melo (2024), [...] sendo a decolonialidade, assim, o instrumento de resistência da América Latina contra o eurocentrismo.

A construção do conhecimento agroecológico fortalece a perspectiva decolonial do saber, através da promoção do diálogo entre os saberes tradicionais e os acadêmicos. Este diálogo, possibilita relações mais harmoniosas com os territórios camponeses, respeitando o modo de vida existente e possibilitando a interação entre o conhecimento científico e popular, visando a transformação dos territórios na perspectiva do desenvolvimento territorial.

Nessa perspectiva, a abordagem do conhecimento agroecológico parte de um olhar interdisciplinar, sistêmico e participativo, tendo como base o diálogo de saberes. Para Laranjeira *et al.* (2019,p.66), “nesse diálogo, é preciso integrar saberes, conhecimentos e experiências, o que exige compreensão das relações sociais, econômicas, ambientais, culturais, políticas e éticas, nas quais o conhecimento é produzido”.

A construção do conhecimento agroecológico promove o resgate cultural das famílias do território [...] ao valorizar os saberes tradicionais, a partir das dimensões ambientais, sociais, políticas, econômicas e culturais, estimulando o diálogo de saberes entre os sujeitos locais, instituições públicas e privadas (FERREIRA *et al.*, 2023, p.110).

Os conhecimentos tradicionais são premissas importantes para a Agroecologia devido às memórias e raízes históricas. A valorização da cultura, das experiências de vida e de trabalho das comunidades camponesas, o conhecimento sobre os processos de produção, sobre o trabalho familiar, a vivência das manifestações culturais, despertando o pertencimento e o orgulho da sua identidade, são elementos importantíssimos para a construção do conhecimento agroecológico.

3 Metodologia

O método da pesquisa é qualitativo e documental. Para a coleta dos dados, foi adotado a metodologia (pesquisa, aprofundamento, devolução e avaliação) da Pedagogia de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS, de autoria de Abdalaziz de Moura Xavier de Moraes², com complemento de entrevistas semiestruturadas aplicada coletivamente nas oficinas.

Tem como base empírica 28 famílias dos Engenhos Rosário, Serraria e Massangana do município do Cabo de Santo Agostinho, através da participação em 02 oficinas pedagógicas de grupos de interesse³, a primeira sobre horta e criação de galinhas e a segunda sobre fogão ecológico. Cada uma teve duração de 16 horas. O grupo de horta teve 06 famílias, o de criação de galinhas 08 famílias e o de fogão ecológico 14 famílias.

Os sujeitos da pesquisa são mulheres camponesas, agricultores/as, moradores/as de áreas periurbanas da Rede de Mulheres e associações comunitárias. Os dados foram sistematizados em relatórios técnicos e refletidos junto à equipe do projeto. As análises dos dados ocorreram na devolução da pesquisa sobre os saberes tradicionais que as famílias tinham sobre cada grupo de interesse nas oficinas, observando as relações entre os tipos de conhecimentos, a experiência da família com a atividade produtiva, o resgate das memórias, as raízes culturais e a reprodução social do saber tradicional. Todos os dados pesquisados têm fins de natureza institucional e acadêmica.

4 Resultados e Discussão

As oficinas pedagógicas de grupo de interesse revelaram a existência de saberes tradicionais existentes nos engenhos, nas famílias e nas pessoas participantes, rompendo com o silenciamento imposto pela episteme colonial. Os quadros 01, 02 e 03 demonstram a riqueza epistemológica, tradicional, cultural e ancestral dos saberes.

² Para maiores informações acessar o link: <https://www.institutoabdalazizdemoura.org.br/abdaziz-de-moura-xavier/>

³ A primeira oficina envolveu dois grupos de interesse, devido ao número de famílias por grupo. Porém, as discussões específicas sobre cada grupo foram separadas seguindo as etapas metodológicas da PEADS.

Quadro 01: Oficina de grupo de interesse fogão ecológica e saberes tradicionais.

OFICINA PEDAGÓGICA	SABERES TRADICIONAIS IDENTIFICADOS
Grupo de interesse fogão ecológico	Para todas as respostas são as próprias mulheres que cozinham. Algumas famílias utilizavam fogão à lenha, devido a problemas de saúde não utilizam mais. Doce de jaca, banana, paçoca, passas de caju, munguzá, manuê, bolo de massa, papa de massa de mandioca, colorau, extrato de tomate, banana verde de coco, xerém, salgado, arroz doce, angu, pé de moleque, bolo de macaxeira, tapioca, entre outros. Manjeriçã; capim santo; erva cidreira; pitanga; araçá; mastruz, rosa branca; arruda e mangangá, cajá, dendê, coco. carne de jaca; cocada da casca de melancia; lasanha de beringela; lasanha de abobora; lambedor de jenipapo, massa puba, óleo de coco, óleo de dendê, goma de tapioca, cocadas, manuê. As matérias primas em sua maioria são do próprio quintal, dos sítios, dos vizinhos e algumas compradas em mercados.

Fonte: CBNE2, 2024.

Fica evidente que as mulheres desempenham a função do cuidado, especialmente na alimentação da família, demonstrando a existência da cultura patriarcal característica do projeto colonial. A saúde das famílias está prejudicada em decorrência do trabalho forçado na produção de cana-de-açúcar ao longo dos anos, agravando-se com a instalação do Complexo Portuário de Suape, devido à expulsão das famílias dos seus territórios de origem. As respostas das famílias indicam que o resgate das comidas tradicionais e sagradas são reproduzidas socialmente pela cultura e pelo trabalho camponês. E, vale a pena salientar o uso de plantas medicinais, que também são alimentos. A maioria dos insumos necessários para produção dos alimentos são encontrados no terreiro da casa, gerando autonomia na escolha do consumo e independência ao mercado externo.

Quadro 02: Oficina de grupo de interesse horta com cisterna, kit de irrigação e saberes tradicionais.

OFICINA PEDAGÓGICA	SABERES TRADICIONAIS
Grupo de interesse horta com cisterna e kit de irrigação	Alguns já cultivam hortaliças como coentro e alface e plantas medicinais. A maioria cultiva milho, feijão, macaxeira, banana etc. Plantam para alimentação familiar e comercializar na comunidade. A adubação utilizada nas hortaliças é orgânica. A irrigação é manual e semiautomática. Praticam extrativismo das frutas nativas e a pesca artesanal. As pragas são as formigas, grilos, lagartos e fungos. No manejo praticam a limpeza, poda e adubação, cobertura morta e matéria orgânica. Sentem a necessidade de aprender técnicas de controle de pragas e de adubação orgânica.

Fonte: CBNE2, 2024.

As famílias produzem alimentos para subsistência da família, caracterizando o perfil do campesinato na Zona da Mata de Pernambuco, região marcada pelo monocultivos de cana-de-açúcar, o qual dizimou os terreiros produtivos para invasão socioprodutiva das usinas, modificando as práticas de manejo na agricultura. Essa forma de fazer agricultura influenciou as famílias camponesas a usarem adubos químicos na produção, através da racionalidade

imposta pelo projeto de desenvolvimento para a região, com fortes contribuições da ciência eurocêntrica e das epistemes coloniais. Mesmo assim, revelaram o desenvolvimento de práticas tradicionais para adubação das hortas e roçados.

Desejam construir novos conhecimentos sobre o controle de pragas e adubação do solo. Com o desmatamento da Mata Atlântica para a monocultura de cana-de-açúcar, tais processos contribuem para a diminuição do controle natural de insetos e fertilidade dos solos, ocasionando baixa produtividade na produção e degradação ambiental.

Quadro 03: Oficina de grupo de interesse criação de galinhas e saberes tradicionais.

OFICINA PEDAGÓGICA	SABERES TRADICIONAIS
<p>Grupo de interesse criação de galinhas</p>	<p>Todos já criam galinhas ou já criaram. Criam para consumo e venda do excedente. A maioria usa a sobra de alimentos e matéria orgânica do sítio. Trouxeram modos tradicionais para alimentar as galinhas, como xerém, farelo de milho, casca de macaxeira, folhas, palhas de bananeira, cascas de frutas (melancia, coco, etc.). Relataram que galinha capoeira solta pões mais ovo. Outros têm preferência pela raça Rodilan. As doenças mais comuns são o “Gogo” e o “Nordeste” e a partir disso o grupo partilhou algumas receitas para tratamento e imunidade das galinhas: Sumo de mastruz, enxofre ralado, carvão com limão, colocar babosa ou limão galego na água dos animais para aumento da imunidade ou casca de mutamba na água. Comidas para fortalecer imunidade das galinhas: alho ralado com xerém e mastruz na água com xerém. Para deficiência de cálcio, utilizar cascas de ovos trituradas. Houve também a partilha de sabedorias ancestrais como: “os pintinhos só nascem na lua nova”, saber partilhada por um dos participantes a partir da observação e integração com a natureza.</p>

Fonte: CBNE2, 2024.

A produção de proteína é fundamental na alimentação das famílias camponesas, no qual a criação de galinhas faz parte da cultura ancestral do campesinato, devido à sua adaptabilidade ao agroecossistema familiar. Utilizando o resto de comida da família para a ração, como também a colheita dos roçados para alimentar os animais o foco da produção é o consumo familiar com pouca comercialização do excedente. O manejo das doenças são diversos no relato das famílias, demonstrando um saber empírico desenvolvido pela observação e experimentação na criação de galinhas, utilizando as plantas existentes no quintal, evitando a compra de medicamentos produzidos pela indústria.

5 Conclusões

As oficinas pedagógicas contribuem com a superação da episteme colonial eurocêntrica, ao utilizar metodologias participativas para construir conhecimentos dialógicos com os saberes tradicionais das populações camponesas. Elas demonstraram ser um forte instrumento de

fortalecimento de uma nova epistemologia decolonial enredada com a construção do conhecimento agroecológico para a transformação dos territórios rurais.

A Pedagogia de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS, afirma sua metodologia para a construção do conhecimento agroecológico e decolonial, para o fortalecimento das atividades de natureza produtiva das famílias camponesas, fazendo as interfaces com outros métodos de coletas e análises de dados nas pesquisas participativas.

De tal modo, os processos decoloniais do saber tradicional devem avançar para exterminar as influências culturais da colonização epistemológica sobre o uso de adubos químicos na agricultura e as desigualdades de gênero nas comunidades rurais na zona canavieira do Nordeste brasileiro. O estudo, sugere novas pesquisas de aprofundamento sobre as influências do Complexo Industrial Portuário de Suape, na expropriação do modo de vida tradicional das famílias envolvidas com a pesca artesanal e os quilombolas.

6 Referências

FERREIRA, Germano de Barros *et al.* POLO GESSEIRO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO NO SERTÃO DO ARARIPE. In: 9º SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL (SEADET), 9., 2023, Recife. **TERRITORIALIDADES: LUTAS PELA TERRA E DESCOLONIZAÇÃO DE MENTES NA MATA SUL DE PERNAMBUCO.** Recife: Ufrpe, 2024. v. 9, p. 11-172. Disponível em: https://ppgadt.univasf.edu.br/wp-content/uploads/2024/10/PPGADT_9o_SEADET_Anais_vFinal.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

INSTITUTO ABDALAZIZ DE MOURA (Gravatá). **QUEM É ABDALAZIZ DE MOURA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO DO CAMPO?** 2020. Disponível em: <https://www.institutoabdalizdemoura.org.br/abdaliziz-de-moura-xavier/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LARANJEIRA, Nina Paula Ferreira *et al.* Para uma ecologia de saberes: trajetória da construção do conhecimento agroecológico na associação brasileira de agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia:** Edição Especial: Workshop sobre perspectivas de ensino, pesquisa e extensão em agroecologia no Brasil / junho de 2019, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 65-79, 27 maio 2019. Contínuo. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/50121>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LUSTOSA, Patrícia Rocha; CAVALCANTE, João Vitor Alves. **A Decolonialidade em foco: um panorama a partir da pós-graduação stricto sensu em psicologia das instituições públicas brasileiras de ensino superior (2016 - 2022).** Esperança Garcia, Teresina, v. 1, n. 1, p. 1-25, 01 maio 2024. Semestral. Disponível em: <https://revista.esperancagarcia.uespi.br/index.php/reg/article/view/13>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MARTINS, Mireile Silva; MOITA, Júlia Francisca Gomes Simões. **FORMAS DE SILENCIAMENTO DO COLONIALISMO E EPISTEMÍCIDIO: apontamentos para o debate.** APONTAMENTOS PARA O DEBATE. 2018. VI Semana de História do Pontal; V Encontro Ensino de História. Disponível em: https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mireile_silva_martins.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

MOTA NETO, João Colares da. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios**, Bogotá, v. 48, p. 3-13, 10 jan. 2018. Semestral. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/folios/n48/0123-4870-folios-48-00003.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ROCHA, Pâmela Tainah Pinto; MELO, Lívia Maria Oliveira de. **COLONIALIDADE DO PODER: UMA ANÁLISE SOBRE O CONCEITO DIFUNDIDO POR ANÍBAL QUIJANO E AS VIOLAÇÕES DE DIREITOS DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA AMÉRICA LATINA.** Lampiar, Mossoró, v. 3, n. 1, p. 46-53, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/LAMP/article/view/5862>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina. Sa, 2009. 530 p.

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.